



**PERCEPÇÕES DISTÓPICAS DE EXPERIÊNCIAS
HISTÓRICAS QUE VISLUMBRARAM UTOPIAS - UM
ENSAIO SOBRE O HOMEM QUE AMAVA OS
CACHORROS - LEONARDO PADURA**

Rosangela Patriota*

Universidade Presbiteriana Mackenzie – PPGEAHC

patriota.ramos@gmail.com

RESUMO – Este artigo, ao discutir o livro *O homem que amava os cachorros*, de Leonardo Padura, busca refletir sobre as ideias e as perspectivas de transformação que marcaram o ideário do socialismo no decorrer do século XX.

PALAVRAS-CHAVE – História e Literatura – Leonardo Padura – *O homem que amava os cachorros*

**DISTOPIC PERCEPTIONS OF HISTORICAL EXPERIENCES
THAT ENVISIONED UTOPIA – NA ESSAY ON THE MAN
WHO LOVED THE DOGS - LEONARDO PADURA**

ABSTRACT – This article, when discussing Leonardo Padura's *The Man Who Loved the Dogs*, seeks to reflect on the ideas and perspectives of transformation that marked the ideals of socialism in the course of the 20th century.

KEYWORDS – History and Literature - Leonardo Padura - The man who loved the dogs

A Revolução de Outubro fecha sua trajetória sem ser vencida no campo de batalha, mas liquidando ela mesma tudo o que fez em seu próprio nome. No momento em que se desagrega, o Império Soviético oferece o caráter excepcional de ter sido uma superpotência sem ter encarnado uma civilização.

François Furet, *O passado de uma ilusão*.

* Professora Titular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na qual, atualmente, integra o Corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação em História da UFU. Em 2017, ingressou como Professora Assistente Doutora no Programa de Pós-Graduação em Educação, Artes e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Vivemos tempos difíceis! Em 2017, completou-se o centenário da Revolução de Outubro de 1917, na Rússia. Em 2018, será celebrado o cinquentenário dos acontecimentos que marcaram o ano de 1968 como um dos momentos mais paradigmáticos da segunda metade do século XX. Não bastando isso, em 2019, a icônica Revolução Cubana se tornará uma senhora sexagenária, e a Revolução Comunista na China completará setenta anos. Já em 2016, a Revolução Cultural de Mao Tse Tung completou meio século.

Em linhas gerais, esses acontecimentos marcaram politicamente o imaginário e o pensamento e da militância de esquerda no mundo no decorrer do século passado. Em torno deles, ocorreram debates, divergências, cisões e movimentos. Alguns exitosos, ao passo que outros foram derrotados no âmbito dos enfrentamentos histórico-sociais.

É evidente que as reflexões e as ações contra a desigualdade social e a exploração econômica, em favor de condições dignas de sobrevivência e de uma sociedade mais igualitária e justa são anteriores às referências acima mencionadas. No entanto, o recorte aqui estabelecido em diz respeito às discussões inerentes ao impacto do marxismo-leninismo, acrescido da experiência stalinista, e ao horizonte de críticas a ele direcionadas.

Acredito ser este o espectro intelectual e político que está no horizonte da mais conhecida e premiada obra do escritor cubano Leonardo Padura, *O homem que amava os cachorros*.¹ Qualificado como um *thriller histórico*, este livro, para mim, é, por meio do diálogo entre história e ficção, uma grande reflexão acerca das *distopias* contemporâneas.

O título, uma homenagem a um dos contos de Raymond Chandler (1888-1959), criador do famoso detetive Philip Marlowe, no qual há uma ênfase ao amor desmedido de um assassino profissional pelos cães, mas, ao mesmo tempo é um dos aspectos que unem os três protagonistas de seu romance: o líder revolucionário Leon Trotski, o combatente espanhol na Guerra Civil Espanhola, Ramon Mercader, responsável pela morte daquele que fora comandante do Exército Vermelho, e de Iván Cárdenas Maturell, escritor cubano e o narrador onisciente desse livro apresentado pelo segundo narrador, oculto, Daniel Fonseca Ledesma.

¹ PADURA, Leonardo. **O homem que amava os cachorros**. São Paulo: Boitempo, 2013, e.book.

Quando comecei a ler o aludido romance – é evidente – o fiz estimulada pelas críticas que o livro recebera e pelo tema, para mim, por demais instigante. No entanto, à medida que a leitura se desenvolvia, veio à minha memória com grande força as palavras do historiador François Furet:

O fim da Revolução Russa, ou o desaparecimento do Império Soviético, descobre uma tábula rasa sem relação com o que haviam deixado o fim da Revolução Francesa ou a queda do Império Napoleônico. Os homens de Termidor festejaram a igualdade e o mundo burguês. Napoleão fora realmente, durante todo o tempo, aquele conquistador insaciável, aquele ilusionista da vitória, até a derrota que finalmente aniquilou todos os seus ganhos de jogador de sorte. Porém, no dia em que tudo perdeu, ele deixava, na Europa, um longo rastro de lembranças, de ideias e de instituições, de que até mesmo os inimigos se inspiravam para vencê-lo. Na França, ele fundamentara o Estado para os séculos vindouros. Lênin, pelo contrário, não deixa herança. A Revolução de Outubro fecha sua trajetória sem ser vencida no campo de batalha, mas liquidando ela mesma tudo o que fez em seu próprio nome. No momento em que se desagrega, o Império Soviético oferece o caráter excepcional de ter sido uma superpotência sem ter encarnado uma civilização.²

Tal afirmação, de maneira inequívoca, traduzia em forma de texto algo a que todos nós assistimos com a desintegração do bloco soviético e com a unificação da Alemanha. Para muitos, diante desses fatos, a resposta imediata fora: ruína o socialismo real, fundado em práticas totalitárias, dominado por uma burocracia que se apropriou dos bens materiais e das expectativas futuras de suas populações. Nesse sentido, uma análise, muito corroborada, é a que foi defendida pelo economista Paul Singer:

No caso da Revolução de Outubro e das revoluções que seguiram sua esteira, o socialismo registrou importantes vitórias em todos os continentes, que se revelaram algumas décadas depois como derrotas. O sistema socioeconômico criado por estas revoluções revelou-se econômica, social e politicamente inferior ao capitalismo e por isso foi abandonado pelos países que o haviam adotado. Esta inferioridade do socialismo ‘real’ face ao capitalismo é comprovada pelo fato de que o seu abandono se deu voluntariamente, sem interferência direta das potências capitalistas.

Por outro lado, a onda neoliberal atingiu em cheio os partidos socialistas, trabalhistas e socialdemocratas, que pressionados pela opinião pública, aderiram a ela. Incapazes de se opor à globalização, que permite aos capitais se deslocar para os países de mão-de-obra barata, os governos destes partidos acabam por sucumbir às suas exigências para investir no próprio país, implementando ‘reformas’ que prejudicam os trabalhadores. As lutas do movimento operário hoje são apenas de defesa de conquistas em perigo de serem revogadas ou

² FURET, François. **O Passado de uma Ilusão**: ensaios sobre a ideia comunista no século XX. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 10.

enfraquecidas, sem qualquer perspectiva de avanço por mais igualdade, a partir da ação do estado.

Nestas condições torna-se imperativo rever as noções até agora prevaletentes sobre como chegar ao socialismo. A partir da vitória do marxismo na II Internacional, tornou-se consensual que estas vias teriam de passar necessariamente pela conquista do poder do estado, tendo em vista mudanças institucionais que levassem à ‘socialização dos meios de produção’. O que dividia os socialistas era apenas se a conquista teria de se dar necessariamente pela força ou se poderia ser realizada também pelo voto. Comunistas e socialdemocratas divergiam a respeito da forma da tomada do poder, mas não sobre a essencialidade desta para atingir o socialismo.

Havia nesta opção estratégica um elemento de autoritarismo, na medida em que a ação de uns poucos, no poder, substituiu a ação dos próprios trabalhadores, cujo papel passa a ser apenas o de propiciar a tomada do poder. Uma vez esta consumada, os trabalhadores teriam apenas de assistir a transferência da posse dos meios de produção a eles. O que de fato nunca ocorreu. Tanto nos países em que comunistas tomaram o poder como nos países em que socialdemocratas chegaram ao governo, os meios de produção expropriados foram entregues a administradores profissionais, dependentes e obedientes ao poder que os nomeou.

A autogestão chegou a ser cogitada em diferentes ocasiões, mas foi descartada com a alegação que faltavam aos trabalhadores conhecimentos e experiência para poder se encarregar da gestão dos empreendimentos. Como a autogestão era um aspecto essencial da utopia socialista, a sua negação deve ter sido justificada como provisória. Mas, passo algum foi dado no sentido preparar os trabalhadores para exercê-la, com a notória exceção da Jugoslávia.

A experiência comandada por Tito foi bastante estudada e discutida e dela se tiraram ensinamentos. Mas, a ditadura imperante no país viciou a experiência, na medida em que os empreendimentos autogestionários não tinham autonomia face ao planejamento da economia e tão pouco face ao partido único. A principal lição a tirar da experiência autogestionária jugoslava é que o socialismo, para ser autêntico, tem de estar inserido numa democracia política plena, com crescente participação direta dos cidadãos nas decisões de governo.³

As ideias apresentadas têm a capacidade de sintetizar questões essenciais que permearam os debates em torno dos caminhos que deveriam ser seguidos para se chegar ao projeto socialista. A primeira delas remete, sem dúvida, a incapacidade dos modos de produção instituídos nos países, que fizeram a revolução, em apresentar alternativas eficazes em relação à divisão do trabalho instituída pela Revolução Industrial, assim como não foram capazes de criar dinâmicas sociais, econômicas e culturais capazes de justificar a continuidade da obtenção do lucro sobre o trabalhador.

³ SINGER, Paul. *Reflexões sobre o socialismo*. [<http://paulsinger.com.br/reflexoes-sobre-o-socialismo-paul-singer-2008/>]. Acesso em 18/12/2017.

Na verdade, a projeção de um estado de bem-estar continuamente postergado para um *futuro distante* e a presença de um Estado policaiesco e controlador, a pouco e pouco, matou as melhores expectativas e cedeu lugar a práticas e sentimentos de controle, perseguição e intolerância. Nesse sentido, quando o Muro de Berlim veio abaixo e a população da Alemanha Oriental se viu imersa em meio ao universo de bens de consumo, a pergunta tornou-se inevitável: *nós fizemos a revolução e eles realizaram o estado do bem-estar social?*

É claro, estamos falando da década de 1980, em um momento em que a socialdemocracia europeia ainda não havia realizado os seus ajustes em relação à produção e aos direitos dos trabalhadores. O mundo ainda sofreria transformações catastróficas no que se refere às relações de trabalho.

No entanto, em que pese todos os desmandos, dificuldades de sobrevivência, desemprego crônico em alguns setores, fica a pergunta: por que a *utopia socialista* hoje alimenta narrativas marcadas pelo caráter distópico? Sob esse aspecto, é importante registrar as seguintes informações sobre a feitura deste romance:



Este romance começou talvez a ser escrito no mês de outubro de 1989, enquanto o Muro de Berlim, sem que muita gente suspeitasse ainda, se inclinava perigosamente, até começar a desmoronar, desfazendo-se apenas algumas semanas depois.

Nessa altura, eu acabara de fazer 34 anos e fazia aquela que seria a minha primeira viagem ao México. Como estava convencido de que Coyoacán era um lugar muito distante do centro, consegui que Ramón Arencibia, um amigo cubano-mexicano dono do automóvel mais feio do DF, me levasse para visitar a casa onde viveu e morreu Leon Trotski. Apesar do quase absoluto desconhecimento que tinha (como qualquer cubano da minha geração) dos principais acontecimentos e das ideias do antigo dirigente bolchevique – e, portanto, não poder ser nem sequer próximo do trotskismo –, julgo que a emoção puramente humana que me provocou percorrer aquele local, transformado em museu há vários anos e num verdadeiro monumento à inquietação, ao medo e à vitória do ódio desde que os Trotski o habitaram, foi a semente da qual, após longa incubação, nasceu a ideia de escrever este romance.

Ao enfrentar-me com a sua concepção, passados mais de quinze anos, já no século XXI, morta e enterrada a União Soviética, quis utilizar a história do assassinato de Trotski para refletir sobre a perversão da grande utopia do século XX, esse processo em que muitos investiram as suas esperanças e tantos de nós perderam sonhos, anos e até sangue e vida.⁴

⁴ PADURA, Leonardo. Nota muito agradecida. In _____. **O homem que amava os cachorros**. São Paulo: Boitempo, 2013, e.book, posições 10881 – 10883 – 10887 – 10890 (leitor Kindle).

Diante das considerações de Leonardo Padura, constato que essa reflexão constrói uma análise factível, pois a sua experiência socialista como cidadão cubano, somada à vivência internacional do final da década de 1980, possibilitou adentrar em uma trajetória política como a de Leon Trotski, amplamente conhecida e estudada, não apenas pelo viés dos embates políticos e pelas tentativas de enfrentar Stalin a monumental burocracia construída e alimentada para salvaguardar o *statu quo* daqueles que dela se beneficiariam, em contraponto a um personagem fundamental, mas eliminado das narrativas e das teses explicadoras, Ramon Mercader.

Eu começo a história de Trotski onde termina sua autobiografia. Ela termina em 1929, que é quando eu começo o romance. Mas a vida dele está documentada praticamente dia a dia. Nós, jornalistas e biógrafos, documentamos tudo. Já com Mercader ocorria justamente o contrário. Conheciam-se fatos de sua vida anterior a 1940, sabia-se que tinha entrado para a história do século 20 no dia em que tinha matado Trotski, que tinha ficado 20 anos na prisão e que depois praticamente desapareceu em Moscou. É um personagem sem história, mas que está dentro de minha história. O equilíbrio entre os dois personagens era muito difícil de alcançar. Num primeiro momento, preferi escrever a vida de Trotski em primeira pessoa, porque estava cheio de informações, mas me dei conta de que não poderia dominar seu pensamento – era um homem de outra cultura, de outra época e tinha outra forma de entender a vida. Então, optei por tomar uma certa distância. No entanto, com Mercader, tratei de entrar mais dentro dele, porque havia pouca informação e mais espaço para a literatura, para a ficção. Acaba de sair, na Espanha, a primeira biografia de Mercader, com 700 páginas. Porém, quando escrevi meu romance, só tinha um livro pequeno escrito pelo irmão de Ramón, um livro muito favorável a ele. Tudo o que encontrei de informações foi em lugares muito dispersos e com muita dificuldade. Algumas pessoas que poderiam me dar informações não quiseram falar. Ainda hoje, nem todos querem falar de Mercader.⁵

Sob esse prisma, Padura tem diante de si duas personagens históricas. A primeira, fartamente documentada. Por esse motivo, o perfil da personagem já se apresenta delineado para o autor. Em vista disso, a estratégia narrativa por ele adotada permite, através de fatos ocorridos, construir contrapontos entre o ponto de vista de Trotski e de seus opositores. Concomitante a isso, ele busca a dimensão humana no afeto dedicado aos cachorros e ao neto que, em decorrência das perseguições sofridas por seus familiares, ficou sob a tutela dos avós.

⁵ Padura: “Sou de uma geração cubana que viveu a revolução e depois perdeu possibilidades de realização”. [http://miltonribeiro.sul21.com.br/tag/o-homem-que-amava-os-cachorros/]. 26 de junho de 2015. Acesso em 12 de novembro de 2017.

Por sua vez, a segunda tornou-se conhecida como o *assassino*, a figura torpe que com uma picareta ceifou a vida do fundador da IV Internacional. Por seu ato, covarde, já que Leon Trotski foi atingido pelas costas, Ramon Mercader não mereceria outra coisa que não fosse o desprezo e o esquecimento histórico. Assim como Judas Iscariotes não há para ele perdão possível.

Todavia, Leonardo Padura, mesmo reconhecendo a torpeza do gesto, propõe-se a compreender os motivos que levaram aquele jovem espanhol àquele desfecho. Para tanto, dispondo de informações dispersas que, provavelmente, permitiram elaborar uma trajetória, o romancista desenvolveu nuances em torno de opções políticas que, em última instância, não justificaram, mas, pelo menos, buscaram dar inteligibilidade àquele trágico acontecimento de 21 de agosto de 1940, em Coycoacán, na cidade do México.

A partir das informações apresentadas, fica a indagação: qual o lugar do historiador, em relação ao texto literário, e qual a contribuição que *O homem que amava os cachorros* pode trazer ao que já conhecemos sobre as personagens e sobre os acontecimentos por elas vivenciados?

Inúmeros historiadores, dentre os quais eu me incluo, já discutiram as conexões possível entre história e estética; arte e sociedade. Contudo, dada a diversidade, nesse momento, me volto para os escritos de Edward P. Thompson. Neles, veremos como as conexões Arte e Sociedade emergem com grande destaque. Com a atenção voltada para os escritos dos poetas ingleses do século XVIII como John Thelwall, William Wordsworth, William Blake, S. T. Coleridge, com o intuito de investigar o impacto do jacobinismo na poesia romântica, Thompson construiu uma instigante reflexão a fim de destacar a maneira pela qual as ideias revolucionárias tornaram-se não só o referencial a partir do qual aqueles homens enxergaram o seu próprio tempo, mas como com elas propiciaram a elaboração de uma experiência histórica que se transformou em poesia.

que aconteceu? O que fez com que acontecesse? Posso apenas dar algumas ideias e para fazer isso preciso situá-los num contexto histórico mais limitado.

Os historiadores, não menos que os poetas e os críticos, têm seus “fragmentos de tempo”. Quero focalizar dois desses pontos, cuja importância se irradia para frente e para trás. Ambos provêm dos anos 1797-1798, com os poetas em Stowey e Alfoxden. Ambos devem ser vistos dentro do clima do jacobinismo, isolados, sujeitos a uma incessante vigilância externa e, ainda assim, ao mesmo tempo, num clima de recolhimento e confusão – o momento em que as Lyrical

Ballads foram escritas, o primeiro rascunho de ‘The Ruined Cottage’ e possivelmente algumas passagens que iriam se encaixar no Prelude.⁶

Com esse intuito, pensar o objeto artístico como fragmentos carregados de possibilidades históricas revela não só a legitimidade e a pertinência desses temas e objetos como também faz uma advertência: a aproximação dos mesmos requer a utilização de “métodos e técnicas”, organizadores dos procedimentos relativos ao tratamento da documentação e ao diálogo com a bibliografia especializada.

Para tanto, novamente recordando Thompson, é oportuno envolvendo o diálogo entre *cultura* e *experiência* em outro de seus textos já clássicos: *O Termo Ausente: Experiência*, em especial, quando ele afirma:

Introduzi, algumas páginas, atrás, outro termo médio necessário, “cultura”. E verificamos que, com a “experiência” e “cultura”, estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como “sentimento” e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral.⁷

Experimentar sua experiência como sentimento e perceber como ele se modifica e/ou se redefine em suas vivências culturais. Talvez esteja aí um estimulante caminho para se construir o diálogo entre arte e sociedade.

Considerando que a obra de arte se constitui em um *fragmento de tempo* e, como tal, carrega símbolos, anseios, projetos e expectativas do momento em que vive e das projeções que estabelece para com o passado e o presente, é possível verificar que ela pode ser apreendida como a construção de uma experiência do autor (em uma dimensão individual/coletiva) com seu tempo.

Nesse sentido, a fim de dar maior inteligibilidade ao que está sendo dito, volto para o romance de Leonardo Padura, *O Homem que Amava os Cachorros*. Como já foi anteriormente mencionado, temos dois narradores, o autor do texto, que assume a

⁶ THOMPSON, E. P. Desencanto ou apostasia: um sermão leigo. In: _____. **Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 61.

⁷ THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 189.

função de um narrador onisciente, Iván, e ao final, tal incumbência recai sobre seu amigo Daniel.

Porém, quem são eles e como somos apresentados a essa situação?

Deparamo-nos com dois amigos, que nasceram, se formaram e vivem em Havana, acabando de sair do velório/enterro de Ana, esposa de Iván, que faleceu vítima de um câncer ósseo que transformou seus últimos dias em uma grande agonia. Em meio ao sofrimento da personagem, ele rememora o seu encontro com Ana, o seu trabalho em uma clínica veterinária, em um dia de chuva torrencial, em que ela chega completamente encharcada e carregando nos braços um poodle, semivivo, magro e totalmente molhado.

Em um misto de desespero e impotência, Ana pede que ele opere o seu cachorro. Em princípio, ele se recusa, pois não é cirurgião. Porém, a situação era tão desesperadora, que Iván, tendo em mente os procedimentos que observara com os veterinários, além de suas leituras sobre o assunto, abra o cachorro e acabe com a obstrução de seu intestino, pois diante da miséria em que ambos viviam, da carência que se estabelecia em vários níveis da vida, aquele gesto desesperado ou salvaria a vida do animal ou daria a ele o descanso com relação ao sofrimento.

Aquela situação limite aproximou Ana e Iván e, daquele encontro, nasceu um casal, que partilhou o amor aos cachorros, à vida e até as expectativas de horizontes limitados à Havana dos anos 1990. Mais que isso, a pouco e pouco, Ana devolveu ao companheiro o desejo e a vontade de escrever, pois, para ele, escrever o livro que estava se propondo era mais que um desejo e sim uma dívida.

Com essas motivações, o leitor é enredado em uma narrativa macro que vai envolvendo preocupações que se colocam em sintonia por aquele, como ele mesmo se definiu, um jovem da década de 1970 que acreditava que os Beatles e o rock eram apenas propagandas imperialistas, enquanto a juventude de países ocidentais e da Tchecoslováquia, com a Primavera de Praga, por meio do comportamento, da cultura e do diálogo crítico com a tradição, ao som dos Beatles, dos Rolling Stones, do The Doors, Jimi Hendrix, Joan Baez, Bob Dylan, Janis Joplin, das imagens da Nouvelle Vague, do Neorrealismo, das performances do Living Theater, questionava as bases políticas, sociais, culturais e intelectuais do mundo em que viviam.

O seu tempo presente é Cuba, após o esfacelamento da União Soviética, mergulhada em uma crise econômica sem precedentes, mais precisamente, o ano de

2004. Ana morreu em 16 setembro, após viver a ameaça de um furacão, que poderia colocar abaixo o telhado do apartamento em que morava com Iván, acariciando o pelo de Truco, o cachorro vira-lata, por eles adotado, depois da morte de Tato, aquele que renasceu pela intervenção de Iván.

Os personagens são muitos e as peripécias também. Para que tenhamos a dimensão da trama intrincada ela é assim descrita pelo narrador:

No momento oportuno compreenderão por que esta história, que não é a história da minha vida embora também o seja, começa como começa. E, embora ainda não saiba quem sou, nem façam ideia do que eu vou contar, talvez já tenham percebido: Ana foi uma pessoa muito importante para mim.⁸

Essa história, que não lhe pertence e da qual ele faz parte, nasce dos relatos, feitos a ele, por um homem, espanhol, que conhecera na praia em que ele frequentava para ler aos finais de tarde. Inicialmente, o que lhe chamou a atenção foram os dois cachorros que o acompanhavam, dois bonzóis russos, um macho e uma fêmea.

Nesse momento, é importante que se diga: Iván cursara Jornalismo e era tido como uma das grandes promessas da literatura cubana. Durante algum tempo, acreditou em seu próprio talento até que, motivado pelas ideias de redimensionamentos da vida política e cultural de Cuba, escreveu um artigo para ser publicado em uma revista e foi duramente criticado. A sua obra-prima, como ele a considerava, foi para dentro de uma gaveta para que ele nunca mais se esquecesse de sua transgressão.

Diante disso, apesar de ter um livro publicado, foi trabalhar como redator-chefe da rádio local de Baracoa, um lugar distante da capital. Iván compreendeu essa designação como “*um corretivo para baixar a crista e situar-me no tempo e no espaço, como se costumava dizer*”, ou melhor, “o desterro para uma Sibéria tropical”⁹.

Nesse novo ambiente, o jovem, cheio de ideais e de virtudes revolucionárias, passa a fazer parte da rede de corrupção, tráfico de influências, drogas e álcool, além de grande rotatividade sexual. Depois desse período de desregramento, Iván, por vontade própria, solicita sua internação em uma clínica para dependentes químicos. Findo o tratamento, retorna a Havana e vai trabalhar como revisor de uma revista veterinária.

⁸ PADURA, Leonardo. **O homem que amava os cachorros**. São Paulo: Boitempo, 2013, e.book, posição 432 (leitor Kindle).

⁹ Ibid., posição 1463 (leitor Kindle).

Claro, tal decisão, causou perplexidade entre aqueles que viam nele a grande esperança da literatura da ilha de Fidel. Mas, com o objetivo de resguardar a sua própria existência, optou por realizar um trabalho que, em absoluto, o comprometeria politicamente.

Nesse meio tempo, casou-se com Raquelita e assistiu perplexo à insubordinação de seu irmão mais jovem que, ao ser flagrado mantendo relações sexuais com seu professor de anatomia, se recusou em se desculpar e assumiu sua homossexualidade. O jovem William foi afastado da Faculdade de Medicina, mas não desistiu de concluir o seu curso. Naquele momento, vivendo junto com a esposa e com os pais, Iván manteve-se inerte diante da luta de seu irmão que, ao ser rechaçado pela sociedade e pelas forças políticas de Cuba, morreu em uma travessia em busca de outro lugar para viver.

Pouco tempo depois, ocorreu o falecimento de seus pais e o fim de seu casamento com Raquelita. Entretanto, em meio a esses acontecimentos, que deixaram marcas indeléveis em sua vida, Iván passou da observação a rápidos contatos com aquele homem, que caminhava na praia, junto aos seus cachorros, sempre acompanhado de um negro, que, de longe, observava os movimentos e fazia às vezes de motorista.

Aquele homem que tanto o intrigava, apresentou-se como Jaime López e começou a lhe contar uma história.

Evidentemente, ficamos sabendo disso tudo, no decorrer da narrativa, mas, antes disso, somos apresentados a momentos da trajetória de exílio de Leon Trotski, à sua luta incessante contra Stálin, às perseguições por ele sofridas, à morte de seus filhos, ao amor do velho revolucionário pelo neto Sieva e ao afeto incondicional de ambos pela cadela Maya e depois pelo vira-lata Azteca. Por outro lado, o leitor acompanha a infância, os sonhos, o ingresso na militância, a atuação na Guerra Civil Espanhola e a preparação na URSS de Ramón Mercader em Jacques Mornard, posteriormente, Frank Jacson, o assassino de Leon Trotski, ele também um homem que amava os cachorros.

Sob esse prisma, o livro possui três protagonistas – Iván, Trotski e Ramón – e os seus destinos se cruzam devido às inquietações suscitadas pelas conversas entre Iván e Jaime (possivelmente o próprio Ramón Mercader), que se dizia amigo de Ramón e que a última vez que o vira fora em 1968, na URSS. Ainda, de acordo com o seu relato, Ramón já deveria estar morto e a sua sepultura ignorada.

Iván, criado nos limites geográfico, político e ideológico de Cuba, pouco sabia, ou melhor, praticamente desconhecia Leon Trotski, cuja presença e participação decisiva, ao lado de Lênin, nos acontecimentos revolucionários de Outubro de 1917, à frente do Exército Vermelho, fora elidida dos arquivos e da memória revolucionária de 1917, principalmente, após 1927 com a consolidação do poder de Stálin, pois a ascensão de seu adversário político ao controle do Estado e da III Internacional – além de efetivar a vitória do stalinismo, como sinônimo da História da Revolução de 1917 – trouxe para Trotski não apenas o exílio, a peregrinação e a expulsão de diversos países, mas, especialmente, um silêncio com relação ao seu legado por parte daqueles que se mantiveram vinculados, intelectual e política, à referida Internacional.

Em face de tais circunstâncias, Iván, movido tanto pela curiosidade suscitada pela narrativa de Jaime quanto por sua ignorância com relação a Trotski, iniciou uma busca em direção aos escritos do Comandante do Exército Vermelho ou àqueles que versavam sobre a sua trajetória. Assim, por meio de relatos daquele interlocutor misterioso e dos livros de Isaac Deutscher, obtidos graças ao seu amigo Daniel – cuja esposa possuía um tio que não gozava de grande reputação na ilha por ser próximo às ideias trotskistas – o jovem cubano começou a vivenciar um processo que acentuou, ainda mais, suas incertezas em relação ao universo em que sua vida estava circunscrita.

Aquela vivência ocasional o despertara para o desenvolvimento de uma *experiência* inédita do ponto de vista intelectual e político. Entretanto, mais que isso, à medida que ele aprofundava suas inquietações foi desvelando, para si e para o leitor, indícios e dinâmicas da consolidação do stalinismo como prática de um governo fundada no terror, na contrainformação e nas denúncias, com o intuito de revelar os *inimigos da revolução*, tanto que em vista disso Ramón Mercader, ao desferir o golpe fatal na nuca de Trotski, tinha convicção de seu gesto seria louvado por todas as gerações de socialistas porque ele haveria livrado o mundo do *grande traidor* da classe operária e da própria Revolução.

Histórica e politicamente, é possível dizer que conhecemos, se não muito, pelo menos, o suficiente sobre Stalinismo, Terceira Internacional, Revolução Russa, Quarta Internacional, Revolução Cubana, desintegração da URSS. Nesse sentido, ao constatar essa evidência, cabe-nos perguntar: o que o livro *O Homem que amava os cachorros* teria a acrescentar a esse debate?

Salvo melhor juízo, para além do prazer narrativo e pela urdidura da trama, Padura, assim como seu narrador, Iván, constroem uma experiência sensível com o conhecimento e com a realidade social, política e cultural que os cercam. Para tanto, ele se apropria de acontecimentos e de conjunturas vivenciadas por suas personagens para lhes dar dúvidas, motivos, justificativas internas, renúncias, medos e anseios. Em outras palavras, ele as individualiza, as dota de sentimentos, afetos e faz com que o leitor mergulhe em uma densidade dramática permeada de conflitos históricos.

Leon Trotski emerge não como o comandante do Exército Vermelho, mas como o exilado, constantemente vigiado, afastado de seus interlocutores, apartado de seus filhos, apenas em companhia da Natália Sedova, de sua cachorra Maya e daqueles que foram designados para cuidar de sua segurança.

Nessas circunstâncias, o revolucionário compreende, em sua trágica dimensão, os motivos que justificam a sua caçada, pois seria ele o declarado inimigo dos trabalhadores, o arquiteto de grandes atentados contra o povo soviético, o cúmplice e o indutor das grandes traições, que os tribunais de Moscou julgaram e penalizaram com trabalhos em campos de concentração e/ou com a morte.

Já Ramón Mercader, o frio assassino de Leon Trotski, chega, por um lado, pelas narrativas de Jaime e, de outro lado, e pela construção literária de Iván. O jovem, nascido em Barcelona, oriundo de uma família aristocrata, de um casamento condenado pelo desamor, que foi levado à militância, entre outras coisas, pelo amor a duas mulheres: sua mãe, Caridad, e seu grande amor, África, que o relegou em nome da causa revolucionária.

Militante aguerrido em favor de uma Espanha democrática, defensor da República e das Brigadas Internacionais, inteligente e bem-preparado, Ramón chamou a atenção dos agentes soviéticos que atuavam na Guerra Civil Espanhola em favor da Revolução Socialista.

Foi retirado das ações de base e, pelas mãos de seu mentor, frequentou lugares diferenciados, conheceu pessoas e a maneira pela qual os russos *descobrem* os traidores da Revolução e de Stálin. Pelo relato, alguém que, dotado de uma fé cega para as determinações do Partido, aceita e acompanha com atenção as atrocidades cometidas por Trotski e seus seguidores contra Stálin e a população russa.

O sucesso no cumprimento das tarefas, inclusive, no afastamento de seus afetos e de seus interesses particulares, o leva à URSS para ser treinado física, emocional e

psicologicamente, para viver diferentes identidades e para eliminar os inimigos de Stálin, portanto, da URSS.

Nesse período, assistiu a alguns dos julgamentos de Moscou e, com isso, aprendeu a dissimular e a colocar tudo e todos a serviço da causa maior: *matar o inimigo da revolução e da URSS e receber o reconhecimento de todos os povos do mundo.*

Algoz e vítima, protagonistas de um dos mais chocantes assassinatos do século XX, surgem aos olhos de Iván mediados por situações que passam da plena certeza à incerteza. Enquanto Trotski, por vezes, é assaltado por questionamentos das ações que empreendeu no passado, que vão desde aos embates com os mencheviques até o massacre de Kronstadt, além de como resolver o impasse entre revolução e democracia, Ramón, mesmo com todo treinamento, convicção e fervor em nome da causa, inúmeras vezes, colocou-se em dúvida diante das denúncias e das circunstâncias que transformaram militantes em infiéis a serem destruídos.

O exílio, a insegurança, a morte de seus filhos, a distância de seu neto e a morte de Maya fizeram com que o grande líder do Exército Vermelho se interrogasse acerca das escolhas feitas por ele e por Lênin. Todavia, os questionamentos e os diversos atentados deram a ele estímulos para continuar a escrever e a trabalhar pela IV Internacional, mas também lhe concederam a ternura para com aqueles que partilharam a sua trajetória errante.

Por sua vez, Ramón agarrava-se à ideia da legitimidade de suas ações, embora diante de sua vítima a angústia tanto o atormentou que depois da fatídica ação e de cumprir vinte anos de cadeia, prisão mexicana de Lecumberri, ao retornar à URSS, mesmo tendo sido condecorado, tornou-se uma figura a ser mantida à distância, que nunca mais viveu em paz, atormentado pelo grito e pelo olhar de Leon Trotski.

Enfim, qual o sentido de trazer esse romance, esse autor e essas personagens?

Leonardo Padura, por intermédio de sua personagem Iván constrói, no campo da verossimilhança e através de uma perspectiva de dimensão humana possíveis sentimentos e sensações que marcaram Trotski e Ramón.

Nesse processo, ele atribui sentidos e significados a um dos mais traumáticos acontecimentos da história da esquerda do século XX. Porém, mais que isso, ao construir a sua experiência histórica com ambos, ele redimensiona a sua própria e

compartilha com eles a tragédia da qual os todos foram vítimas: o stalinismo, tanto que sobre essa questão, assim se manifestou:

PADURA – Mas é claro que tenho uma visão de mundo que é expressa na literatura. Faço parte de uma geração desencantada. Uma geração que participou e viveu a revolução e que depois começou a perder coisas, a perder possibilidades de realização e que, em boa parte, foi para o exílio. O tema do exílio é muito importante em meus livros. Como escritor, tento retratar esta experiência coletiva, apesar de que não é realmente, uma experiência diretamente pessoal.

SUL21 – Em algum sentido semelhante, Trotski também é derrotado?

PADURA – Trotski é um derrotado distinto, porque até o final foi um homem persistente, um homem que acreditou em seus projetos e ideias. Inclusive, quando estava mais sozinho e derrotado, ele seguia acreditando em seu projeto político. Diferentemente de muitos de meus personagens, era um homem ativo, essencialmente político e que tinha participado não somente como líder de uma revolução como havia sido um de seus grandes dirigentes. Era um filósofo, um pensador e sua derrota é uma derrota humana, mas não filosófica, porque ao final, Trotski converte-se no primeiro crítico do comunismo praticado na União Soviética. O stalinismo perverteu o marxismo e Trotski faz a primeira grande crítica de fato.¹⁰

Como se depreende das palavras do autor, uma de suas motivações na urdidura desta narrativa é compreender como o stalinismo, uma política de Estado, foi capaz de se entranhar no cotidiano das pessoas e atingir, em algum nível suas subjetividades. A perseguição e a execução de Trotski deram a ele uma vida fragmentada, destituída de projeções familiares. Os seus sonhos e expectativas reduziram-se à criação da IV Internacional e à expectativa de se manter vivo até o amanhecer do dia seguinte. Já com Ramón Mercader, tal ideário arrancou os ideais e os afetos de sua primeira década de vida e em seus lugares sedimentou o desencanto, a solidão e a convivência com a inutilidade de seu gesto. Por fim, ceifou a vida de Iván, no que ela possuía de sonhos e de anseios, na medida em que calou a sua escrita, o tornou impotente perante a luta de seu irmão em defesa do direito à diversidade, retirou Ana de seus braços, que teve muito de sua doença agravada pela desnutrição e pelas péssimas condições de vida e moradia, que redundaram na própria morte, juntamente com seu cachorro Truco, esmagados pela queda do telhado que soterrou a cama em que ambos estavam na véspera de Natal.

¹⁰ Padura: “Sou de uma geração cubana que viveu a revolução e depois perdeu possibilidades de realização”. [<http://miltonribeiro.sul21.com.br/tag/o-homem-que-amava-os-cachorros/>]. 26 de junho de 2015. Acesso em 12 de novembro de 2017.

Enfim, a narrativa está consumada! Coube a Daniel, o fiel amigo, enterrar Iván, Truco e os originais do livro que os leitores jamais conheceriam. Enquanto cumpria este triste ritual, Daniel rememorou um de seus últimos encontros com Iván:

– Por que vai me dar o que escreveu? O que isso quer dizer? – Através-me a perguntar, receando ouvir a pior das confissões, e quis tirar o dramatismo do assunto: – Veja bem, você não é Kafka...

– Não vou me matar – disse, depois de me deixar sofrer por alguns segundos. – E não estou louco. É que não quero ver mais esses papéis. É melhor você ficar com eles, que ainda é um escritor... Mas, se quiser, pode queimá-los, pra mim é indiferente...

– Não entendo, Iván. A verdade não o interessa? Esse homem era um filho da puta e não tem justificativa nem...

– Que verdade? Qual é a verdade? E ele não foi o único filho da puta que fez coisas injustificáveis.

– Claro que não. Mas foi um dos que ajudou Stalin a dar cabo dos 20 milhões de pessoas que pegou pelo pescoço em nome do comunismo... E não matou qualquer um... Matou outro filho da puta que, enquanto esteve no poder, arrancou a cabeça de sei lá quantos... Tudo isso é muito duro, Iván. E veja que os russos, depois de terem destapado a panela, voltaram a fechá-la a sete chaves... É preciso fazer muitas coisas horríveis matar tanta gente...

– Mercader foi vítima e carrasco, tal como maioria – protestou, já com menos veemência, enquanto observava o isqueiro que o homem que amava os cachorros lhe deixara como herança.

[...] – Ele não andava por aí matando pessoas... Foi um soldado que cumpriu ordens. Fez o que lhe mandaram por obediência e convicção...

[...] Quando li esses papéis e tive uma ideia mais precisa do que Ramón Mercader tinha feito, senti asco. Mas senti também compaixão por ele, pela forma como o tinham usado, pela vergonha que lhe provocava ser ele mesmo. Já sei, era um assassino e não merece compaixão, mas, porra, não consigo evitar! Se duvidar é verdade que sua própria gente enfiou radioatividade em seu sangue para mata-lo, como diz Eitingon, mas não era preciso, porque já o tinham matado muitas vezes. Tinham lhe tirado tudo, o nome, o passado, a vontade, a dignidade. E, no fim das contas, para quê? Desde que disse a Caridad que sim, Ramón viveu numa prisão que o perseguiu até o dia da própria morte. Nem queimando o corpo todo conseguiria libertar-se de sua história, nem acreditando que era outro... Mas, apesar de tudo, penalizava-me saber como tinha acabado, porque fora sempre um soldado, como tanta gente... E, se eles mesmos o mataram, não se pode sentir por ele outra coisa que não seja compaixão. E essa compaixão nos faz sentir sujos, contaminados pelo destino de um homem que não deveria merecer nenhuma piedade, nenhuma pena.¹¹

¹¹ PADURA, Leonardo. **O homem que amava os cachorros**. São Paulo: Boitempo, 2013, e.book, posição 10717 – 10722 – 10726 – 10735 - 10753 - 10758 (leitor Kindle).

Acredito que este diálogo entre Iván e Daniel, nas páginas finais do livro, realça, com muita clareza, a contribuição que *O homem que amava os cachorros* traz para esse importante debate contemporâneo: qual o legado da *utopia socialista* para a história do *tempo presente*. Como retirar das entranhas dos fracassos, dos sofrimentos e das frustrações expectativas para ações transformadoras?

Como construir horizontes democráticos capazes de preservar liberdade, autonomia, justiça e igualdade social?

Os projetos, que mencionei no início deste artigo, ocorreram em meio às bandeiras que continuam a ser os pavilhões do denominado *campo progressista*? No entanto, este arco comumente denominado progressista, nos dias de hoje, luta incansavelmente para não perder as conquistas obtidas em tempos passados. Curiosamente, de um lado, caminhamos, inexoravelmente, em direção ao progresso tecnológico e à modernização das relações de trabalho, enquanto, de outro, lutamos para não perder direitos obtidos que, dia a dia, nos são retirados.

Nesse sentido, o livro de Padura é um fragmento carregado de experiências que foram redimensionadas pela própria vivência do autor. Afinal, são dele as seguintes palavras:

Sul21 – No Brasil, a imprensa de direita criou a imagem de uma Cuba ditatorial, fechada, cheia de presos políticos e artistas censurados. Nos teus livros, tu falas livre e criticamente tanto do período Batista, do período revolucionário e do período pós-89. Onde está a censura?

PADURA – Eu já disse outras vezes, há uma esquerda romântica que vê Cuba como paraíso socialista e há uma direita muito agressiva, que nos vê como um inferno comunista. E Cuba não é uma coisa nem outra. Parece mais o purgatório. Tu leste como sou crítico de muitas coisas e posso te dizer com toda certeza que, por sorte, em Cuba nunca houve os excessos que ocorreram na União Soviética, na Alemanha e nos países do oeste. É uma sociedade que teve e tem, sobretudo, grandes problemas econômicos. A economia não funciona bem e a política está presente na vida das pessoas, mas nunca tivemos grande repressão. Há controle, é uma sociedade muito controlada, de um partido único, em que o estado e o governo são os mesmos. Há controle, repito, mas sem excessos.¹²

¹² Padura: “Sou de uma geração cubana que viveu a revolução e depois perdeu possibilidades de realização”. [<http://miltonribeiro.sul21.com.br/tag/o-homem-que-amava-os-cachorros/>]. 26 de junho de 2015. Acesso em 12 de novembro de 2017.

O olhar de Padura não chega ao desencanto completo¹³. Todavia, ele traz à baila um horizonte de realizações e de promessas cumpridas. Por esse motivo, seus protagonistas são três homens e circunstâncias específicas, mas partilhando de uma experiência comum: a de libertar o mundo do jugo da opressão. Três vítimas de seus próprios sonhos e da *experiência da derrota e do fracasso* fez com Leonardo Padura construísse, pelo campo das possibilidades, uma experiência com aquelas personagens derrotadas pelas suas circunstâncias históricas. Nesse sentido, ao desenvolver essa estratégia, por meio do compartilhamento de experiências, estabelece, junto com o público leitor, mediações com o passado na busca de outros termos ausentes, mas não através de heróis e sim na perspectiva da fraternidade e do enfrentamento das alteridades.

RECEBIDO EM: 04/12/2017

PARECER DADO EM: 19/02/2018

¹³ É evidente que o autor fala sobre sua vida em Cuba. Nos dias de hoje, a flexibilização para pequenos comércios e atividades autônomas, criaram, em algum nível, brechas de arejamento. Entretanto, não podemos ignorar que a ausência de excessos integram a sua vivência, não pode ser projetado para o conjunto da sociedade cubana, pois se nos reportamos ao deslumbrante livro de Reinaldo Arenas, *Antes que anoiteça*, em que o poeta, morto em Nova York em 07 de dezembro de 1990, observamos: “Quando iniciou sua carreira de escritor o regime cubano já possuía uma extensa rede de censura que promoveu perseguições e ameaças a Arena, levando-o ao quase completo anonimato em seu próprio país. Embora premiado pela União Nacional dos Escritores e Artistas de Cuba o livro *El mundo alucinante*, primeiro romance de Arenas, fora proibido no país. Enviado clandestinamente para o exterior por Arenas o livro foi premiado na França como melhor romance estrangeiro, ao lado de *Cem anos de Solidão*, de García Marquez. O fato que em outros países transformaria-o em uma referência nacional, só fez com que Arenas fosse ainda mais perseguido pela polícia cubana que buscava descobrir como sua obra era enviada para o exterior. Durante essa época Arenas precisou esconder seus manuscritos espalhando-os por esconderijos ou pedindo amigos que o fizessem. Outra vez el mar, por exemplo, precisou ser escrito três vezes, já que o material sempre caía nas mãos da polícia.” (SANTIAGO, Leo. *Autobiografia do escritor cubano Reinaldo Arenas*. 23/01/2013 <http://www.overmundo.com.br/overblog/autobiografia-do-escritor-cubano-reinaldo-arenas>). Acesso em 10 de janeiro de 2018.